



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**JORNALISMO**

VICENTE ALVES RODRIGUES R. JR.

BREVE ANÁLISE DO PROCESSO COMUNICACIONAL NO CINEMA – ANÁLISE  
SEMIÓTICA DE CENA DO FILME “O ILUMINADO”, DE STANLEY KUBRICK

JUIZ DE FORA – MG

2017

VICENTE ALVES RODRIGUES R. JR.

BREVE ANÁLISE DO PROCESSO COMUNICACIONAL NO CINEMA – ANÁLISE SEMIÓTICA DE UMA CENA DO FILME “O ILUMINADO”, DE STANLEY KUBRICK

Artigo apresentado como trabalho final de Semiótica, pelo curso de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, ministrada pelo Prof. Dr. Francisco José Paoliello Pimenta.

JUIZ DE FORA – MG

2017

## **RESUMO**

Para Charles Pierce, os objetos são representados através de signos, que são apreendidos por cada mente interpretadora. Seguindo a semiótica pierciana, esse trabalho pretende analisar a cena do filme O Iluminado do diretor Stanley Kubrick, a fim de adentrar o processo comunicacional e aplicar as teorias semióticas de Pierce. Para isso, o artigo se baseará nos estudos de Lúcia Santaella a respeito da aplicação prática dos conceitos semióticos, partindo desde a observação qualitativa do signo até a significação. O artigo leva em consideração como mente interpretadora um espectador adulto do século XXI e considera as estruturas do gênero de suspense, do qual o longa-metragem faz parte.

**Palavras-chave:** semiótica, Pierce, O Iluminado, Kubrick

## **INTRODUÇÃO**

### **O filme**

The Shining, O Iluminado em português, é um filme norte-americano considerado por muitos críticos e cinéfilos como o maior longa metragem de terror de todos os tempos. Lançado em 1980, o filme dirigido por Stanley Kubrick é estrelado por Jack Nicholson, Danny Lloyd e Shelley Duval. A narrativa, baseada no livro de Stephen King de mesmo nome, gira em torno de Jack Torrance (Nicholson), um escritor que aceita o emprego de zelador temporário em um hotel que ficará fechado o inverno inteiro. Somente ele e sua família serão hóspedes desse local. Ao chegar ao hotel seu filho (Lloyd), que possui poderes paranormais sente que há algo de ruim naquele lugar. Com o passar dos dias, Jack não consegue inspiração para escrever um novo livro e então maus pensamentos começam a atormentá-lo e a dificultar o relacionamento com sua mulher (Duval). O filme causou muita polêmica devido à direção de Kubrick. O diretor, ao escrever o roteiro do filme, ignorou os conselhos do Stephen King e era famoso por maltratar os atores nos sets de filmagem.

**Signo:** cena de Jack perseguindo sua esposa pelo hotel

**Objeto:** a perseguição / tentativa de assassinato

**Mente interpretadora:** adulto espectador do filme em meio ao século XXI

**Descrição da cena:** a cena narra a perseguição de Jack a sua esposa Wendy no quarto em que o casal está no hotel. Wendy encontra-se dormindo na cama e é acordada por seu filho Danny gritando “assassinato” com uma faca na mão. Enquanto ela tenta acalmá-lo, Jack quebra a porta com um machado. Wendy pega Danny no colo e se tranca no banheiro. O menino, com a ajuda da mãe, pula a janela e escorrega pela neve acumulada na fachada do hotel, enquanto isso Jack quebra a porta do quarto e entra chamando por Wendy. Jack vai até o banheiro e começa a quebrar a porta com o machado. Wendy tenta pular a janela, mas não consegue, então permanece ao lado da porta chorando com uma faca na mão. Quando Jack consegue quebrar parte da porta ele enfia sua cabeça pelo buraco aberto e chama por Wendy. Ao ouvir um barulho, Jack para de quebrar a porta. Os efeitos sonoros contribuem para o clima de suspense.

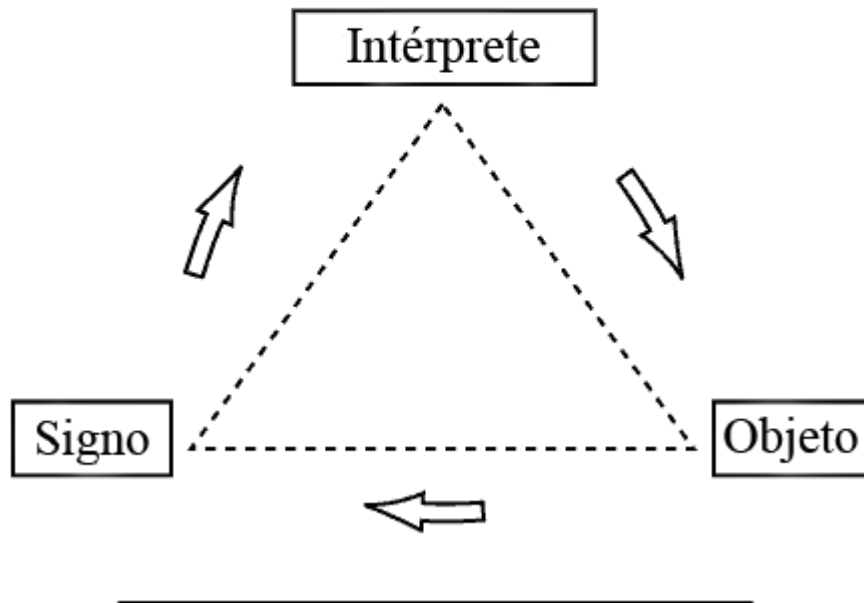
Para melhor análise, a cena foi destrinchada em cortes e fotogramas (anexo). Vale ressaltar que essas adaptações em nada substituem o movimento da narrativa. As imagens por si só não conseguem representar o movimento e as qualidades da cena em sua totalidade. Os fotogramas só irão servir de base e facilitar o estudo e o desenvolvimento do artigo.

### **ANÁLISE SEMIÓTICA (Aplicação dos conceitos por meio da análise do processo de comunicação)**

Para dar início a análise, esclareceremos as relações triádicas referentes aos conceitos de signo, objeto e interpretante, propostas por Pierce.

## A Tríade de Peirce

---



Para Peirce (1995:46):

*“Um signo, ou representamen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto. Representa esse objeto não em todos os aspectos, mas com referência a um tipo de ideia”.*  
(PEIRCE, 1995, p.46)

Segundo o pai da Semiótica, o signo corresponde à representação de um objeto e o interpretante a relação de significado e interpretação realizada entre signo e objeto dentro da mente interpretadora. Dessa forma, o signo se estrutura em três níveis: primeridade,

secundidade e terceridade. Sendo assim, a primeridade são as possibilidades que um signo nos dá; a secundidade são os signos que tem relação direta com o objeto; e a terceridade são os padrões que estão em cada signo.

Como quesito para uma boa análise é necessário que os três níveis sejam estudados separadamente. Mas antes de entrarmos em cada nível propriamente dito, precisamos “nos deixar afetar pela experiência fenomenológica”, como diz Santaella (2002; 86). Tal experiência consiste em três categorias. A disponibilidade contemplativa, que se refere a “deixar abertos os poros do olhar com singeleza e candidez”; observação atenta a situação comunicativa em que a obra nos coloca, ou seja, “a experiência de estar aqui e agora diante de algo que se apresenta na sua singularidade”; e a generalização do particular em função da classe a que ele pertence, aqui “não se trata apenas de qualidades apreendidas, nem de singularidades percebidas, mas de enquadramentos do particular em classes gerais”.

### **Fundamentos sógnicos da cena**

Feita a experiência fenomenológica, comecemos a destrinchar o primeiro nível do signo. O fundamento inicial do signo se refere às qualidades que ele exhibe que assistirmos a película pode ser denominado como quali-signos. Ao, devemos evitar um olhar que provoque uma transferência imediata para a fase indicial, nos atendo somente aos quali-signos. Para isso, nos prendemos a uma observação abstrata, isto é, presa as qualidades do signo inerentes a ele, que independem da percepção para que existam. Essas são características que permanecem presas ao plano puramente sensorio e sensível, como um recém-nascido que observa o mundo a sua volta, mas não aplica nos signos interceptados por seus sentidos nenhum tipo de reflexão. No entanto, mesmo com todo o cuidado para uma boa análise, o quali-signo se mostra um conceito paradoxal, pois assim que comecemos a pensar nele e saímos do momento presente, já abandonamos o campo da percepção e o transformamos em um sin-signo ao torna-lo existente.

Dentro da cena podemos apontar como quali-signos a escala de frequência sonora, a luz baixa e logo depois a intensidade de luz, as figuras pontudas, os traços vermelhos lado a lado em fundo branco, o encoberto, o movimento, o ereto e o deitado. Há formatos humanoides que se movimentam e manuseiam outros objetos, que por uma relação

incontestável reconhecemos como ser humano. Aqui ainda não fazemos menção a aquilo que esses traços podem indicar, pois as qualidades dos signos existem antes mesmo que o interprete a defina em um conceito.

O segundo fundamento do signo se refere a sua existência, que se refere ao sin-signo, e para isso é preciso que alguma mente interpretadora, ao contrário do quali-signo, o perceba. Assim, esse é o primeiro nível compreendido pela mente interpretadora. Para isso precisamos entender a realidade da cena como cena e a entendermos como um pedaço do filme, um fragmento do todo. Também é preciso considerar que a cena assistida é uma das milhões de reproduções do material original. Outro fator ainda precisa ser levado em conta: o suporte. O equipamento utilizado para assistir (seja eles TV, projetores cinematográficos ou computador) leva o espectador a apreensão, ou falta de, de alguns aspectos diferentes, devido ao tamanho da tela, capacidade sonora, ambientação e horário. A esfera temporal também intervém na forma de perceber a cena, fazendo com que o público contemporâneo a Kubrick veja a cena de forma diferente de quem assista hoje. Contudo, quando o quali-signo é percebido ele passa a existir para aquela mente interpretadora, atrelado a todo o contexto com que foi captado.

O terceiro fundamento do signo correspondente ao nível terceridade é denominado de legi-signo. Os legi-signos são características reconhecidas como padrões para o intérprete. Diz respeito a convenções e pactos coletivos que se tornaram padrões de interpretação para o observador. Quando percebemos os aspectos do signo como padrões, podemos contrastar de forma analítica o próprio signo.

Os contrastes são muitos na cena. Observamos o menino em pé e a mãe deitada. Logo após existe um contraste na linguagem utilizada para passar a mesma mensagem, primeiro o menino grita a palavra “murder” e depois ela aparece escrita na parede. A diferença de iluminação do banheiro e do quarto. O tom de voz de Jack se opõe aos sussurros de Wendy, assim como sua feição. As leves batidas de Jack na porta do banheiro e logo após os golpes dados com machado. Os gritos e o silêncio ao ouvir o barulho do carro se aproximando.

A música em ritmo frenético assimilada aos gritos estabelece uma relação de sintonia. Outro fator é o contraste de ambiente interno e externo que aparece algumas vezes na cena. Primeiro Jack está no corredor e tenta entrar no quarto, depois ele está no quarto e tenta entrar no banheiro e ainda há o contraste do interior e o exterior da casa.

O primeiro padrão observado é de que o sin-signo da cena pertence ao filme “O Iluminado”, que por sua vez, faz parte da obra de Stanley Kubrick. Enquadra-se nos filmes de suspense e utiliza uma técnica, apesar de avançada, referente aos anos 1980.

### **Signo em relação ao objeto**

Como forma de iniciamos a apresentação dos conceitos do objeto imediato e objeto dinâmico, é preciso analisar as relações diretas entre o signo, em sua essência, e o objeto que pretende representar. A primeira relação entre o signo e o objeto acontece no nível da primeridade, que é o ícone, representando grande poder sugestivo. Se relacionando de forma direta as qualidades.

*“É por isso que, se o signo aparece como simples qualidade, na sua relação com seu objeto, ele só pode ser um ícone. Isso porque qualidades não representam nada. Elas se apresentam. Ora, se não representam, não podem funcionar como signo. Daí que o ícone seja sempre um quase-signo: algo que se dá à contemplação.” (SANTAELLA, 1983; p. 86)*

Mas o ícone permanece em condição de possibilidade, como afirma Santaella:

*“O objeto do ícone, portanto, é sempre uma simples possibilidade, isto é, possibilidade do efeito de impressão que ele está apto a produzir ao excitar nosso sentido. Daí que, quanto mais alguma coisa a nós se apresenta na proeminência de seu caráter qualitativo, mais ela tenderá a esgarçar e roçar nossos sentidos.” (SANTAELLA, 1983; p. 87)*

A relação icônica simplesmente sugere o que deseja representar. Sendo assim, a cama e o abajur no início da cena sugerem que estão em um quarto. Já as escadas e varias portas uma ao lado da outra, sugere que Jack está em um corredor. A pia, os azulejos, o papel higiênico sugere um banheiro. Quando Jack chama a personagem pelo nome isso sugere proximidade entre os dois. O monte branco do lado de fora sugere neve, que por sua vez, indica frio.



Na relação inicial, referente a secundidade, entre signo e objeto temos o âmbito das representações, devido ao caráter da existencialidade. Ao utilizar de seu repertório a mente interpretadora é capaz de, diante do signo, estabelecer relações com signos vistos anteriormente. Por exemplo, no início da cena a personagem se apresenta deitada vestindo um roupão, o que indica ação de dormir. Essa relação só é possível devido ao repertório do interprete que associa o ato de deitar com determinado traje a ir dormir. Ou ainda, os flocos brancos que caem do céu e formam uma montanha branca ao lado da casa na qual é possível escorregar. Levando em consideração imagens anteriores, o interpretante associa a neve mesmo sem toca-la, no entanto nessa cena foi utilizado sal.

No último nível, na terceridade, existe o símbolo. As relações simbólicas são padrões definidos no âmbito cultural. A relação simbólica entre o objeto e o signo é gerada por associações de ideias vindas de convenções sociais, sendo o símbolo uma relação convencional. Na cena, Jack coloca o rosto na fenda aberta na porta e em seus olhos abertos e dentes serrados em contraste com a fala animada temos a relação simbólica de algum transtorno psiquiátrico.

Todo signo visa representar e apresentar um objeto, que pode ser classificado como objeto imediato e objeto dinâmico. O objeto imediato se refere a tudo que é preciso para chegar ao objeto dinâmico, ou seja, aquilo que o signo visa substituir. O objeto imediato é a intenção de representar por semelhança a aparência do objeto. Na cena de Kubrick, o objeto imediato é a presença dos gritos, da perseguição, da fuga, do arrombamento e da violência. Todos esses fatores buscam representar a tentativa de assassinato, que por sua vez, é identificado como objeto dinâmico.

### **Interpretantes**

O processo comunicacional gera efeitos na mente interpretadora, produzindo três categorias de interpretantes: imediato, dinâmico e final. O interpretante imediato corresponde ao Sentido, o interpretante dinâmico equivale ao Significado e o interpretante final, à Significação. Lucia Santaella explica os interpretantes:

*“Não se trata daquilo que o signo efetivamente produz na minha ou na sua mente, mas daquilo que, dependendo de sua natureza, ele pode produzir. Há signos que são interpretáveis na forma de qualidades de sentimento; há outros que são interpretáveis através de experiência concreta ou ação; outros são passíveis de interpretação através de pensamentos numa série infinita. Daí decorre o interpretante dinâmico, isto é, aquilo que o signo efetivamente produz na sua, na minha mente, em cada mente singular. E isso ele produzirá dependendo da sua natureza de signo e do seu potencial como signo.” (SANTAELLA, 1983; p. 81)*

O Sentido é o efeito total no qual o signo foi calculado para produzir e que ele produz imediatamente na mente, sem contar com reflexões prévias. O Significado é o efeito produzido no interprete pelo signo, dependendo do interprete e da condição do ato de interpretação. A Significação é o resultado interpretativo a que todo e qualquer intérprete está destinado a chegar, se o signo receber a suficiente consideração.

Após a consciência pelo interpretante imediato, decorre o interpretante dinâmico, dividido em três tipos de reações que podem ser produzidas na mente: sentimentos (emocional), ações (energético) ou lógica (lógico). O interpretante dinâmico emocional se refere aos sentimentos causados pelo processo comunicacional, como medo, alegria, tristeza etc. Levando em consideração o interpretante escolhido, um adulto do século XXI, deve-se ponderar o convívio com cenas e histórias de horror através da mídia e o contato com uma extensa rede de informações, que possibilita o conhecimento de alguns aspectos do filme mesmo antes de assisti-lo. Com isso, a cena pode gerar um olhar frio que busca analisar a qualidade técnica dos efeitos utilizados por Kubrick, mas não impedindo sentimentos de apreensão e desconforto devido ao suspense gerado na cena. Já o interpretante ligado as ações, o dinâmico energético, se refere a qual atitude será tomada ao assistir. Se o interprete desligou a TV, saiu da sessão do filme, fechou os olhos. O interpretante dinâmico lógico diz respeito à produção de sentido relacionado a funcionalidade. O interprete vê um homem arrombando a porta de um cômodo em que uma mulher está tentando fugir pela janela e grita ao não conseguir, logo percebe que se trata de uma tentativa de assassinato.

O último interpretante, final, corresponde a compreensão total do signo através de uma etapa cognitiva. Entretanto, existem ressalvas a ser colocadas. Por depender do repertório do interpretante, e para esse não existir limites, os estudiosos compreendem essa fase como que de alcance futuro. Caso o mesmo interprete assista a mesma cena novamente, ele pode chegar a novas conclusões por sua bagagem cultural e social ser constantemente modificada. Logo, o interpretante final nunca será completo.

## **CONCLUSÃO**

Após essa breve análise, o processo comunicacional proposto se mostra complexo em todos os níveis da teoria peirciana, fazendo com que os conceitos de primeridade, secundidade e terceridade se modifiquem de acordo com o tempo e espaço das mentes interpretadoras, das novas ideias e das descobertas feitas ao longo do tempo referentes ao filme.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

PEIRCE, CHARLES SANDERS. “Collected Papers 8 vols”. Cambridge: Harvard University Press, 1931.

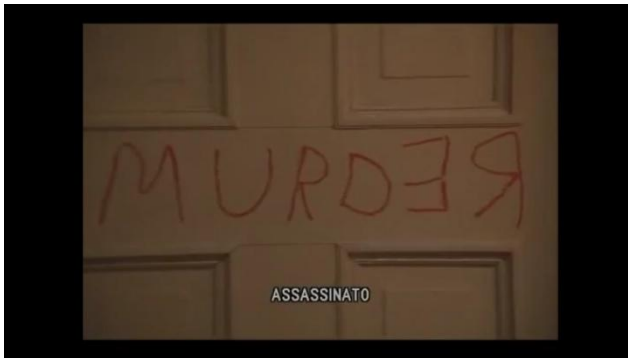
SANTAELLA, LUCIA. “O que é semiótica”. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, LUCIA. “Semiótica Aplicada”. São Paulo: Editora Thompson, 2002.

**ANEXO**



**Fotograma 1**



**Fotograma 2**



**Fotograma 3**



**Fotograma 4**



Wendy, cheguei.

Fotograma 5



Fotograma 6



Fotograma 7



Corra e se esconda!

Fotograma 8



Fotograma 9



Fotograma 10



Fotograma 11



Fotograma 12